

A INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Paula Sabrina Bronze Campos (1); Kayury Serrão da Silva (1); Vinicius de Moura Oliveira (2).

^{1,2,3}Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Abaetetuba
¹paulabronze96@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos Surdos na sala de aula regular torna-se muitas vezes um desafio para a comunidade escolar, uma vez que há carência de qualificação profissional, falta de materiais e má infraestrutura do prédio. Sendo que, a escola deve oferecer ao aluno Surdo possibilidades verdadeiras de aprendizagem, caso contrário estará sendo realizada apenas uma integração do aluno na escola, mas ele não estará envolvido no processo de aprendizagem.

Surdez é um distúrbio que pode acometer pessoas de todas as idades. Algumas crianças já nascem com perdas auditivas que variam de grau e intensidade e há um decréscimo da audição para as pessoas mais idosas. Quando uma pessoa é totalmente incapaz de ouvir, pode-se dizer que esta pessoa é Surda, já as pessoas quem tem uma perda auditiva e conseguem ouvir com dificuldade têm uma deficiência auditiva.

Pode ocorrer de forma parcial ou total, ressaltam-se alguns fatores que podem levar a perda da audição. Segundo Brasil (1997, p.33-34) destaca-se:

- Causas Pré-Natais: A criança adquire a surdez através da mãe no período de gestação, decorrentes de desordens genéticas ou hereditárias; doenças infecto-contagiosas (como rubéola, sífilis, toxocoplasmose, herpes, remédios ototóxicos); uso de drogas, alcoolismo materno e outros.
- Causas Peri-Natais: Ocorre devido a complicações no parto, como prematuridade, pós maturidade, infecção hospitalar e outras.
- Causas Pós-Natais: Surgem problemas após seu nascimento, tais como: meningite, uso de remédios ototóxicos em excesso, ou sem orientação médica, sífilis adquirida, sarampo, caxumba, exposição continua a ruídos ou sons muito alto, traumatismo craniano e outros.

A perda da audição pode ser de leve a severas ou profundas, para ambos os casos a Libras é reconhecida como o meio legal de comunicação e expressão utilizada para estabelecer comunicação entre ouvintes e surdos ou entre os surdos. O Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta uma Educação Bilíngue para Surdos, sendo sua primeira língua a Língua Brasileira de Sinais e segunda língua a Língua Portuguesa, pois a LIBRAS é um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, portanto uma língua autônoma e certamente é mais eficaz para os Surdos.

Mas pouco ainda é feito para que a inclusão ocorra de fato, as crianças surdas, não podem ser expostas dentro da língua oral, pois existe um obstáculo fisiológico para que isso ocorra. Para eles a língua oral não é a primeira língua, embora seja a primeira e única que lhes é oferecida (Skliar, 2006 p. 92). Vale ressaltar que uma criança surda tem as mesmas capacidades cognitivas de uma ouvinte, porém as oportunidades de aprendizagem são desiguais.

Este trabalho teve como objetivo observar de que forma se dá o processo de aprendizagem aos alunos Surdos na classe regular de ensino nas aulas de Ciências Biológicas, identificar os materiais e recursos pedagógicos utilizados pelo professor para incluir estes alunos, visando saber se os métodos são eficazes para os mesmos compreenderem a disciplina.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, que se caracteriza por não requerer a formulação de hipóteses para serem testadas, ela se restringe por definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo. A pesquisa exploratória é recomendada quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p.61).

O presente trabalho foi desenvolvido em uma Escola da rede Pública Estadual no município de Abaetetuba-Pa, foram acompanhadas três adolescentes do primeiro ano do ensino médio, duas Surdas e uma com Deficiência Auditiva que também apresentava deficiência motora, porém não em um grau muito elevado. Este acompanhamento se deu nas aulas de Ciências Biológicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível observar na sala de aula que as três adolescentes sempre ficavam juntas, sentavam uma ao lado da outra, nem todos os alunos tinham uma relação próxima a elas, poucos alunos interagiam com elas na sala de aula. Isso mostra que os alunos que não possuem deficiência não procuram uma comunicação com as alunas surdas. Como afirma Lima (2010) as relações entre pessoas com deficiência e as que não possuem deficiência é de fato questionável, pois vivemos complexidades de comportamentos, atitudes e valores que nos diferenciam.

Desta forma, percebemos claramente essa diferença comportamental, principalmente porque há uma desigualdade no direito à educação para as alunas surdas, onde ficavam na sala de aula sem interagir com os outros alunos, isso demonstra que as alunas estão integradas dentro de uma sala de aula regular, mas não estão incluídas.

Sabemos que ser professor é uma tarefa muito complexa, que exige do professor: domínio do conteúdo, didáticas diferenciadas, planejamento e competência para perceber e entender as dificuldades educacionais de cada aluno. Se tratando de alunos que possuem necessidades educacionais especiais, são exigidas mais estratégias e conhecimento do professor para uma boa atuação na sala de aula.

Durante a vivência notamos que a professora de Biologia não tinha muito contato com as alunas por conta de não ter conhecimento de LIBRAS, isso causava muito distanciamento entre elas e dificultava a relação professor-aluno. No final de suas aulas a docente dedicava alguns minutos para tentar explicar o conteúdo que havia sido abordado no dia somente para as meninas e para isso utilizava as imagens do livro. Porém não havia nenhum planejamento para a utilização de metodologias que atendessem as alunas Surdas.

Essa dificuldade de ensinar alunos com deficiência vem desde a formação universitária do professor, pois muitos não tiveram nenhuma noção de Educação Especial em seu curso de formação, de acordo com Mantoan (2003) os professores do ensino regular

consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula, especialmente em atender alunos com deficiência.

Além disso, não havia nenhum intérprete na sala de aula que pudesse auxiliar a professora regular, e isto certamente dificulta ainda mais o processo de aprendizagem para essas alunas que assistem às aulas, mas não conseguem entender o conteúdo.

Na sala de aula não havia muitos recursos para incluir as alunas na aula. A professora copiava o assunto no quadro, dava um tempo para os alunos copiarem e depois explicava oralmente o assunto, neste momento as três alunas conversavam entre si por não estarem entendendo a explicação, quando faltavam alguns minutos para a aula terminar a professora se reunia com as três alunas e tentava explicar através de desenhos e frases escritas, para que elas tentassem compreender um pouco do conteúdo que foram estudados, mas sem muito êxito.

A necessidade de recursos visuais na sala de aula é claramente perceptível, e isso de certa forma dificultava a aprendizagem das alunas, para Campello (2007, p. 128) é necessário uma construção de pedagogia visual, de acordo com a realidade do ensino, principalmente quanto a aquisição da linguagem e dos recursos didáticos do ensino às pessoas surdas.

Com isso refletimos que não basta apenas colocar um aluno surdo em uma classe regular e dizer que está ocorrendo inclusão. É necessário oferecer a ele as condições básicas de aprendizagem, que seria uma didática diferenciada e um intérprete, mas percebemos que esse direito não lhe é dado. E segundo os profissionais da escola, já foi solicitado intérprete para os governantes, mas até o momento nada foi feito.

Visitamos também a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), a fim de entender como ocorrem as atividades neste local, principalmente com alunos com Surdos. Observamos que eles possuem um planejamento de atividades pedagógicas para trabalhar a escrita da Língua Portuguesa – que às vezes se tornava uma tarefa difícil, já que alguns alunos não gostam de realizar este trabalho.

Neste local também são trabalhadas atividades da classe regular, apesar de não ser a função do atendimento, eles o realizam, pois para os mesmos não há como ocorrer a inclusão se não derem esse suporte para os alunos, uma vez que eles não possuem interpretes. Essa foi uma maneira que os professores do AEE encontraram para motivarem os alunos a participarem desta sala e não desistirem de estudar também na classe regular.

Apesar de ser um atendimento de “reforço escolar” percebemos que as três alunas ainda sentiam dificuldades no aprendizado, pois não recebiam a mesma orientação da professora da classe regular de ensino.

Sabe-se que os conteúdos de Ciências Biológicas são, em geral, complexos e na maioria dos casos longos, além de se apresentarem regados de conceitos que por vezes são difíceis de serem assimilados e guardados na memória, assim através da experiência vivenciada foram elaboradas sugestões simples que poderão ser apropriadas no processo de escolarização do deficiente auditivo, como:

- A utilização de maquetes pode proporcionar uma relação mais afetuosa entre conteúdo e aluno, uma vez que proporcionará um maior contato visual, logo uma maior fixação do conteúdo.
- Utilização de massa de modelar.
- Confecção de apostilas autoexplicativas com imagens e pouco texto.
- Cursos específicos sobre confecção e aplicação de recursos pedagógicos e comunicação aumentativa e alternativa.

- Curso de Libras para os professores e para os alunos.

Esses são apenas alguns dos muitos recursos didáticos que podem ser utilizados pelos professores de Ciências Biológicas, e que certamente fará grande diferença para o processo de aprendizagem de todos os alunos, que possuem deficiência ou não. Quanto ao conhecimento de LIBRAS, é de extrema importância para a comunidade escolar saber se comunicar com o outro e respeitar sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação a essa vivência percebemos que apesar das pessoas que trabalham do AEE se esforçarem para não excluir as alunas, o professor da sala regular não buscava metodologias para o ensino de sua disciplina de forma que as alunas pudessem aprender, não notamos nenhum interesse do professor para aprender LIBRAS para facilitar a aprendizagem e a relação entre docente e discente.

Sabe-se que a realidade da educação de surdos ainda é muito falha e ainda deve ser assunto para muitas discussões para que ocorra a inclusão desses alunos no ambiente escolar. É de suma importância que sejam utilizadas metodologias adequadas no decorrer das aulas, as quais devem proporcionar aos alunos Surdos uma melhor recepção do conteúdo. Os professores são os responsáveis por incentivar à construção do conhecimento dos alunos através da sua interação com os mesmos.

As propostas de inclusão para os alunos que necessitam de atendimento educacional especializado devem sair do papel, pois varias leis e decretos já foram aprovados e pouco se faz para proporcionar um ambiente favorável para a aprendizagem desses alunos. As escolas necessitam de reorganização pedagógica para que os professores estejam capacitados e preparados para atender os alunos de forma igualitária.

Vale considerar que estas mudanças não serão somente favoráveis a aprendizagem dos alunos que necessitam de atendimento educacional especializado, mas sim de todos os envolvidos, professores, alunos com deficiências e alunos sem deficiências.

Portanto, se torna necessário que professores, coordenadores, alunos, família e o poder público façam sua parte, pois só assim teremos de fato escolas inclusivas, e não apenas um faz de conta que a inclusão está ocorrendo. Precisamos também desconstruir preconceitos dentro de cada um de nós, e teremos um respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **A educação dos surdos** / organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: MEC/SEESP. 1997

CAMPELLO, Ana Regina de Souza. Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos. Estudos surdos II, v. 1, p. 100-131, 2007.

CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. SILVA, Roberto da. Metodologia científica, v. 6, 2007.

LIMA, Verônica Aparecida Pinto. A inclusão dos alunos surdos nas escolas regulares da rede pública de educação: uma questão linguística. **Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**, 2010.

MANTOAN, Maria Tereza Eglés. **Inclusão Escolar: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2003.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei 10.436 de 24/04/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, D.O.U de 23/12/2005, Brasília.

SKLIAR, Carlos. et al. **Educação & Exclusão: Abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.